

INDÍCIOS DE UMA FALTA: sutilezas na ausência negra nos livros didáticos¹

INDICES OF FAILURE: subtleties in the black absence in textbooks

Maria Aparecida Dias Castro

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
mdcastro696@gmail.com

Antonieta Miguel

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
antonietamiguel40@yahoo.com.br

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i7.5099>

RESUMO: Este texto busca ampliar as percepções

¹ As reflexões impressas nestas páginas são resultado de uma pesquisa sem financiamento desenvolvida em 2017 durante o curso de pós-graduação *Lato sensu* em Educação e Relações Étnico-Raciais, oferecido pela

sobre os livros didáticos para os anos iniciais do Ensino Fundamental que compõem as quatro coleções utilizadas pelo município de Caetité no período 2010/2018. Para tal empreendimento recorreu-se a uma metodologia analítica e a instrumentos estatísticos, com o intuito de mensurar disparidades e incoerências em termos de representação fenotípica dos indivíduos, do espaço dedicado à abordagem nos conteúdos da história e cultura dos povos africanos e seus descendentes e ainda traçar o perfil dos autores cujos textos estão inseridos nestas coleções. A pesquisa realizada sugere a prevalência de um racismo sutil (Nunes, 2010) e geográfico (Raffestin, 1993), (Malachias, 2006), que, sorrateiramente, mina a efetiva presença de negros tanto no corpo dos livros didáticos como em seu processo de produção.

Palavras chave: Marcadores Fenotípicos. Autores. Racismo Sutil. Racismo Geográfico.

ABSTRACT

This text seeks to expand perceptions about school books for the early years of the elementary school that compounds the four collections used in the township of Caetité in the period 2010/2018. For such action, an analytical methodology and statistical tools were used in order to measure disparities and inconsistencies in terms of phenotypical representation of the individuals, the space dedicated to approach in the historical and cultural contents of African people and their descendants and also delineate the author's profile whose texts are inserted in these collections. The research suggests the predominance of a subtle racism (Nunes, 2010) and geographical (Raffestin, 1993), (Malachias, 2006), which stealthily undermines the effective presence of blacks either in the body of the school books and even in their production process.

Key words: Phenotypical Markers. Authors. Subtle Racism. Geographical Racism.

UNEB/Campus VI, intitulada *Ora Desvelado, Ora Silenciado: relações étnico-raciais e representação dos negros e afrodescendentes nos livros didáticos do Ensino Fundamental I (Caetité, 2010/2018)*.

Introdução

As discussões sobre o livro didático parecem não se esgotarem. O que dizer, então, quando se busca perceber possíveis condutas racistas que podem estar impregnadas em seus conteúdos ou ainda, em seu processo de produção? Esse artefato cultural existe desde o século XVII e tem “uma função que conservam até os dias de hoje, a de portador dos caracteres das ciências”². E, mesmo sendo controverso, tem se permanecido na prática escolar, sem que haja, no horizonte, perspectiva de seu desuso. Eles são produzidos a partir de um determinado viés pedagógico não atemporal, embora haja permanências, como as funções que exercem no contexto escolar, a saber, a referencial, a instrumental, a ideológica e cultural e a documental³. Refletem o contexto social mais amplo que não é estático, mas dialético marcado por tensões entre diversos segmentos sociais que tateiam espaços concretos e simbólicos no chão social do qual a escola também é espelho.

O racismo, por sua vez, é um estigma que permeia incisivamente as relações humanas. No tempo presente, a sua modalidade tradicional, socialmente condenada, não é sinônimo de sua inexistência, pois é notória “uma mudança na manifestação do racismo, mas sua função continua a mesma, qual seja, a de organizar as relações de poder e justificar as desigualdades sociais”⁴. É o discurso da tolerância, que contribui para inibir a sua manifestação aberta – por isso, chamado sutil. Racistas sutis tem uma postura intermediária, perspicaz, já que “não têm um discurso claramente racista (...) se apropriam da norma antirracista apenas superficialmente”⁵.

Assim, a obra didática, após críticas e análises, visando a sua adequação às demandas educacionais sublimadas pela Lei nº 10.639, de 2003 – deveria ser objeto insuspeito. Afinal, a história e a cultura da África e as experiências afrodiaspóricas, estas últimas, entendidas não abrangendo apenas a noção de deslocamento territorial dos povos africanos, mas também as suas trajetórias históricas e culturais⁶ passaram a ser inseridas nesses materiais. Entretanto, apesar do salto qualitativo e quantitativo, essa inserção cintilam possibilidades de melhoria quer seja na

² GATTI JÚNIOR. **A Escrita Escolar da História: livro didático e Ensino no Brasil (1970-1990)**. Edusc, São Paulo; Edufu, Minas Gerais, 2004, p, 36.

³ CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>>. Acesso: 03 jun. 2016.

⁴ NUNES, Sylvia Silveira. **Racismo Contra Negros: um estudo sobre o preconceito sutil**. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, 2010. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-27072010.../nunes_do.pdf>. Acesso: 15 mar. 2017, p.28.

⁵ Ibidem, p.29.

⁶ CARRASCOSA, Denise. Traduzindo no Atlântico Negro: por uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas afrodiaspóricas In: **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, p. 63-71, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/115270/112954>>. Acesso: 10 jul. 2017.

disposição e escolha dos conteúdos, trazendo uma abordagem mais criteriosa da história da África⁷, como na representação social dos negros nesses materiais⁸.

Uma questão pertinente diz respeito à necessidade de se indagar como combater o racismo com materiais que ainda dão pouco espaço para o empoderamento negro. Assim, se no ambiente escolar o sujeito da aprendizagem não encontra recursos apropriados a uma prática pedagógica que enalteça a diversidade, bem como profissionais qualificados para trabalhar as relações étnico-raciais, ele terá dificuldades em conflitar uma formação racista com a perspectiva da tolerância e do respeito às diferenças quando tematizadas na sala de aula. Nenhum ser humano nasce preconceituoso ou com baixa autoestima pelas suas características fenotípicas. Esses comportamentos são forjados socialmente e precisam ser combatidos através de uma educação que priorize problematizar as contradições sociais, econômicas e culturais, visando a edificação de uma sociedade mais tolerante.

Entretanto, torna-se tarefa árdua desconstruir estereótipos quando, inegavelmente as imagens e textos privilegiados nos livros didáticos se acercam da violência, pobreza, insalubridade, “atraso cultural e tecnológico” das sociedades africanas, ou quando incorporam “a tradição racista e preconceituosa de estudos sobre o continente e a discriminação à qual são submetidos os afrodescendentes aqui dentro”⁹.

Reforçam a ideia de que sem a ajuda humanitária das nações desenvolvidas, esses povos não conseguirão superar essas contradições. Diga-se, em grande parte, causadas por quem se alça a socorrê-los. Deveria sim, problematizar as condições históricas que transformaram a África, a América e a Ásia em territórios subdesenvolvidos¹⁰. Para a repercussão de ideias negativas sobre esses povos e continentes, agrega-se a influência da mídia, da herança sociocultural, e de valores transmitidos por instituições como a escola, a família e a igreja. Fenômenos e instituições que, não raro, corroboram, por exemplo, para a erotização do corpo da mulher negra¹¹ e para a representação deformada do corpo negro, muitas vezes, animalizando-o¹². Encontrar discursos e representações como os mencionados acima, dezesseis anos após a Lei nº 10.639, de 2003, é

⁷OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos Bancos Escolares**: representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, nº 3, 2003.

⁸SILVA, Ana Célia. *A Representação Social do Negro no Livro Didático: o que mudou? por que mudou?* Salvador: Edufba, 2011.

⁹OLIVA, 2003, p. 431.

¹⁰RODNEY, Walter. **Como a Europa Subdesenvolveu a África**. Seara Nova: Lisboa, 1975.

¹¹NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. **Erotismo e Relações Raciais no Cinema Brasileiro**: a pornochanchada em perspectiva histórica. Tese de doutorado. Salvador, 2015.

¹²OLIVEIRA NETO, Marcolino Gomes de. Entre o grotesco e o risível: O lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº 16, jan./abr. 2015. Disponível em: < www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522015000200065&script=sci...tInlg... >. Acesso: 13 out. 2015.

indicativo de que as políticas públicas ainda encontram na práxis entraves que as impedem de serem efetivadas.

Neste esteio, esse texto apresenta armadilhas presentes nos livros didáticos a partir, principalmente, dos seus bastidores, ao perscrutar não quem os produzem, mas quem neles estão representados, quais autores estão neles cotejados. A metodologia consistiu em uma pesquisa quali-quantitativa a partir do exame de aproximadamente 100 livros didáticos, escolhidos para o ensino fundamental I da rede municipal de ensino da cidade de Caetité no interior da Bahia¹³. Teve como recorte temporal o período 2010 a 2018, abrangendo os seguintes componentes curriculares: língua portuguesa, história, geografia, ciências e matemática¹⁴.

Neste percurso, apreendeu-se as imagens a partir de marcadores fenótipos ou marcadores físicos. Os critérios desta classificação foram a pigmentação da pele, os traços faciais e a textura do cabelo. Foi ainda apreciada a tematização da história africana e afro-brasileira, a presença de literatura negra e de textos provenientes de africanos, bem como da inclusão de autores negros nesses artefatos culturais. A identificação, em geral, desses indivíduos, se deu por heteroclassificação¹⁵, a partir de pesquisa realizada na ferramenta de busca na internet *Google*.

1 - A diversidade fenotípica nos livros didáticos

Classificar as características étnico-raciais de uma população por marcadores físicos é uma iniciativa complexa, pois é uma construção social e subjetiva, porém, naturalizada, sobretudo em contextos onde a fusão interétnica é bastante difusa como no Brasil¹⁶. Essa naturalização, teve como base os estudos derivados da Sociologia e da Antropologia, tendo raízes ainda no darwinismo social feito por Spencer, a partir de algumas ideias desenvolvidas por Darwin em *Sobre a Origem das Espécies*¹⁷. O darwinismo social desenvolvido por Spencer, entrelaçou-se ao racismo “científico” a partir das correlações feitas por Georges Vacher de Lapouge, em sua obra *L’Arien*.

¹³ Outros aspectos como análise das narrativas e representações sociais dos negros nos livros didáticos foram contempladas em outras partes da investigação.

¹⁴ Os livros, objetos deste estudo, integram a as seguintes coleções: *A Escola é Nossa*<português, história, geografia e ciências> e *Pode Contar Comigo*<matemática> para o triênio (2010/2012). *Porta Aberta* <português>, *A Conquista da Matemática*, Projeto Burit<história, geografia> e *Aprender Juntos*<ciências> para (2013/2015). Projeto Burit<português>, *Ápis e Bem me quer*<matemática> *Ligados.com* <história, geografia> e *Akapalô*<ciências> para o triênio (2016/2018) para os estudantes da sede e Novo Girassol: saberes e fazeres do campo <todos os componentes> destinada aos alunos do campo.

¹⁵ Heteroclassificação é a classificação feita por outro, neste caso, pela pesquisadora. Difere da autoclassificação, quando o próprio sujeito se autodefine.

¹⁶ BOLSANELLO, Maria Augusta. **Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”**: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. *Educar*, Curitiba, n12, p.153-165. 1996. Editora da UFPR.

¹⁷ *Ibidem*, 1996.

Para ele, as raças se subdividiam em superiores “arianos” e inferiores, os judeus, negros, etc. O primeiro grande teórico do racismo foi o conde Joseph Artut Gobineau, que abertamente defendeu a superioridade da raça ariana na obra *Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas*¹⁸.

No Brasil, se destacou o médico baiano Nina Rodrigues. “Racista, eugenista, conservador, foi um intelectual rejeitado a partir da segunda metade do século XX por conta destas características¹⁹”. Desenvolveu seus estudos em fins do século XIX abordando o tema da criminalidade entre negros e mestiços, compreendendo que as populações negras e indígenas²⁰ tinham propensões para a criminalidade em decorrência do componente racial. Assim, contribuiu significativamente para a divulgação do racismo científico por aqui.

Outro intelectual controverso no tocante as discussões raciais destacou-se, algumas décadas depois. O trabalho de Gilberto Freyre, sobretudo com a noção de democracia racial derivada da *Casa-grande e Senzala*²¹, donde se veiculou a ideia de que nos trópicos havia uma tolerância entre as raças. Assim, é notória a dificuldade em desconstruir falas sedimentadas em longa tradição, tenha ela base científica, religiosa. Daí, a sua naturalização.

No processo de formação da sociedade brasileira, a cor da pele é evidenciada como uma marca identitária que pode influenciar as representações que se constroem sobre os indivíduos. Assim, os negros vivem experiências em que seus marcadores físicos racializados como cor da pele, cabelo, nariz, e boca são determinantes para a assunção de papéis sociais, tendo uma ligação sócio-histórica com o colonialismo e a escravidão que o estigmatiza²².

A classificação racial brasileira caracteriza-se pela complexidade, ambiguidade e fluidez, sendo baseada na aparência dos indivíduos e não em sua origem²³. Sendo, portanto, predominantemente de marca e não de origem²⁴. Dessa forma, torna-se conveniente classificar um

¹⁸BOLSANELLO, 1996, passim.

¹⁹RODRIGUES, Marcela Franzen. **Raça e criminalidade na obra de Nina Rodrigues**: Uma história psicossocial dos estudos raciais no Brasil do final do século XIX. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p., 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br>>. Acesso: 16 mai. de 2019, p. 1119.

²⁰Menções a indígenas e amarelos neste texto é meramente ilustrativa, uma vez, que não se constituíram em objeto deste estudo.

²¹FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48 ed. Pernambuco: Global, 2003.

²²SCALA, Lucimary Hoffman, MEIRELES Ariane Celestino. **Marcadores Físicos e Construção Identitária**: estudo de caso de 3 estudantes negras em um estabelecimento escolar do estado de Vaud - Suíça. Disponível em: <http://estudosoculturais.com/congressos/vcongresso/wp-content/uploads/2016/.../port_v1b.pdf>. Acesso: 27 abr. de 2019.

²³MIRANDA, Monique. “Classificação cor/raça e etnia: conceitos, terminologias e métodos utilizados nas ciências da saúde no Brasil.” (dissertação de mestrado) Rio de Janeiro, Fiocruz 2010.

²⁴NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem**: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso: 21 fev. 2015.

indivíduo pela aparência, o que é uma falácia, um embuste, ao não considerar que “cor e traços fenotípicos não podem ser usados como marcadores genéticos de raça, ou seja, o genótipo não corresponde a um único fenótipo²⁵.” Mas essa demarcação é apropriada para determinar os lugares e papéis sociais que cada indivíduo ocupará no tecido social.

Os cientistas sociais, embora concordem com as conclusões sobre a inexistência científica de raça e com a inoperacionalidade do próprio conceito, justificam o seu uso como realidade social e política, sendo raça uma categoria social de dominação e exclusão²⁶, já que os estudos de genética molecular comprovam que a espécie humana é uma só, que o genótipo sempre propõe diferentes possibilidades de fenótipo. As pessoas herdam genes e não caracteres e é impossível definir geneticamente quem é negro, branco ou amarelo²⁷. Assim, apesar de raça não ser útil como categoria biológica, é uma importante construção social²⁸, tendo seu sentido político advogado e ressignificado pelos movimentos negros, mesmo que para eles, seja de pouca valia a verdade científica da não existência de raças²⁹.

Tendo em vista o discutido acima, neste trabalho, optou-se pela classificação próxima à adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE³⁰, mas ao invés de cinco categorias, se adotou quatro. Os denominados pretos e pardos foram classificados como negros, bem como se preferiu a expressão marcadores físicos ou marcadores fenótipos próximos ao branco, negro, amarelo ou indígena, em virtude da imprecisão biológica do termo raça, haja vista, há apenas uma, a humana.

Assim, o primeiro aspecto inquirido nesta análise foi sobre o percentual de imagens de indivíduos com marcadores fenótipos distintos representados nos componentes curriculares das coleções didáticas adotadas em Caetité no interregno 2010/2018³¹. Foi notória, como demonstra a tabela 1 abaixo, a supremacia de indivíduos de marcadores fenótipos próximo ao branco,

²⁵MIRANDA, Monique. “**Classificação cor/raça e etnia**: conceitos, terminologias e métodos utilizados nas ciências da saúde no Brasil.” (dissertação de mestrado) Rio de Janeiro, Fiocruz 2010, p.5.

²⁶ MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 5 nov. 2003. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>>. Acesso: 14 jun. 2016, p.6.

²⁷ OLIVEIRA, Fátima. **Ser Negro no Brasil**: alcances e limites. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (50), 2004.

²⁸ APPIAH, Kwame Antony. **Na Casa de Meu Pai**: a África na filosofia da cultura. 4 ed. Rio de Janeiro, Contraponto, 2014.

²⁹ GUIMÃRAES, Antônio S. A. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 1999.

³⁰ Existem diferentes sistemas classificatórios: o oficial, do (IBGE), constituído por cinco categorias (preto, pardo, branco, amarelo e indígena). A classificação desse órgão é muito discutida quanto à sua adequação e representatividade da população, embora não tenha sido nesse órgão que se originou estes termos, apenas se apropriou de termos difusos na tessitura social.

³¹ Foram analisadas aproximadamente 28.017 representações de pessoas em imagens nas coleções didáticas adotadas para o período.

comparativamente aos marcadores próximos ao negro, amarelo e indígena.

Tabela 1 – Marcadores físicos nas coleções didáticas selecionadas entre 2010 a 2018

Livros Didáticos	Marcadores Físicos	Componentes Curriculares				
		Português	Ciências	Geografia	História	Matemática
Coleção (2010/2012)	Próximo ao Branco	80%	74%	76%	68%	69%
	Próximo ao Negro	15%	20%	15%	22%	26%
	Próximo ao Indígena	2%	1%	6%	8%	1%
	Próximo ao Amarelo	3%	5%	3%	2%	4%
						Total: 100%
Coleção (2013/2015)	Próximo ao Branco	75%	76%	67%	58%	76%
	Próximo ao Negro	18%	21%	21%	27%	16%
	Próximo ao Indígena	3%	1%	4%	13%	2%
	Próximo ao Amarelo	4%	5%	8%	2%	6%
						Total: 100%
Col. Campo (2016/2018)	Próximo ao Branco	71%	65%	69%	52%	63%
	Próximo ao Negro	22%	29%	20%	32%	31%
	Próximo ao Indígena	5%	3%	10%	13%	1%
	Próximo ao Amarelo	2%	3%	1%	3%	5%
						Total: 100%
Col. Cidade (2016/2018)	Próximo ao Branco	80%	51%	46%	55%	63%
	Próximo ao Negro	16%	36%	30%	27%	31%
	Próximo ao Indígena	2%	12%	20%	16%	1%
	Próximo ao Amarelo	2%	1%	4%	2%	5%
						Total: 100%

Fonte: Coleções Didáticas do Ensino Fundamental I (2010/2018), Caetité/BA.

A inexatidão como a população negra vem sendo representada nos livros escolares é comprovada pelo Censo de 2010, que revelou que dos 191 milhões de brasileiros em 2010, 91 milhões se classificaram como brancos, 15 milhões como pretos, 82 milhões como pardos, 2 milhões como amarelos e 817 mil como indígenas³², o distancia do universo do aluno. Representações estereotipadas podem incorrer na formação negativa da identidade da criança negra³³, podendo maculá-la irreversivelmente, mesmo que a construção da identidade é contínua e acompanha o indivíduo por toda a vida³⁴. Além do que, a inserção desses sujeitos em momentos específicos – por exemplo, no componente de história, quando são mais representados nos primeiros anos da Colônia

³²LAMARCA, Gabriela, VETTORE, Mario. **A Nova Composição Racial Brasileira Segundo o Censo 2010**. Disponível em: <<http://dssbr.org/site/2012/01/a-nova-composicao-racial-brasileira-segundo-o-censo-2010/>>. Acesso: 28 mar. 2017.

³³CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. Universidade de São Paulo faculdade de educação, São Paulo 1998.

³⁴HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

e Império – demonstra que seus dilemas no presente não galgaram lugar significativo nesses suportes. Fatidicamente, os livros não estão evidenciando essas questões. Destarte a diversificação de editoras e coleções, o princípio é o mesmo: número exorbitante de representações de pessoas com marcadores de fenótipos próximos ao branco e em menor proporção de negros, asiáticos e indígenas.

As diferenças quantitativas entre as coleções analisadas são mínimas, havendo variações na relação entre o percentual de amarelos e indígenas, confirmando-os, portanto, como os menos privilegiados nos livros didáticos. As obras destinadas aos alunos do campo possuem índices maiores de representação de negros. Entretanto, quando se pensa em termos de narrativas e conteúdos, são justamente os mais precários na abordagem desses sujeitos sociais. Vê-se, dessa forma, uma espécie de engodo, mais de exclusão do que de inclusão, uma vez que a representação de grupos não é condizente com o cenário multiétnico da sociedade brasileira.

Diante das informações expostas na tabela acima, não seria o inverso a regra de disposição numérica de indivíduos nos livros escolares? Neles, o partilhamento das imagens por marcadores físicos, tem se mostrado incoerente com a “nova” mescla biológica e cultural assumida pelo brasileiro, sobretudo a revelada a partir do recenseamento de 2010. A não ser quando concebido como uma operacionalização do racismo, no sentido de haver uma estratégia sub-reptícia de omissão da população negra brasileira. Somente uma avaliação das próximas coleções poderá confirmar esse dado. Além disso, o Censo de 2020 poderá trazer novas informações. Afinal, o incremento de indivíduos que afirmarão possuir raízes na África poderá ser alterado.

Consonante ao dito anteriormente, pode parecer falta de formação, desinteresse ou ainda, inexistência de diálogo entre autores e ilustradores, apesar de algumas tentativas elogiáveis ao trabalhar as relações raciais neles³⁵. Conjectura-se, assim, que há um critério para os percentuais étnicos utilizados. Qual? Uma regra furtiva para distorcer uma realidade que, de determinado ponto de vista, não é interessante.

Desde sua primeira edição, o processo de avaliação dos livros escolares sofreu alterações, inclusive quanto aos critérios de apreciação, pois algumas dessas averiguações revelaram que os livros comprados pelo Ministério da Educação de Cultura (MEC), em sua maioria, veiculavam preconceitos e erros conceituais graves, que prejudicavam o processo formativo dos alunos³⁶.

³⁵ Tentativas de forma pontual e precárias foram verificadas, mas algumas interessantes, como na Coleção *A Conquista da Matemática* (2013/2015).

³⁶ BASSO, Lucimara del Pozzo. **Estudo Acerca dos Critérios de Avaliação de Livros Didáticos de Ciências do PNL:** período de 1996 e 2013. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/LucimaraDelPozzoBasso-ComunicacaoOral-int.pdf>>. Acesso: 27 mar. 2017.

Os editais de compra dos livros didáticos lançados pelo MEC referentes às coleções, objetos de estudo desta pesquisa, estipulam alguns critérios gerais para a avaliação das coleções didáticas para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Entre esses critérios, chamou atenção especial as seguintes observações:

A obra didática não pode, sob hipótese alguma, veicular preconceitos, estar desatualizada em relação aos avanços da teoria e prática pedagógicas, repetir padrões estereotipados ou conter informações erradas, equivocadas ou superadas pelo desenvolvimento de cada área do conhecimento – sejam sob a forma de texto ou ilustração – ou ainda, informações que contrariem, de algum modo, a legislação vigente.³⁷

Entretanto, os livros, objetos dessa pesquisa, demonstram contrariarem tais indicações. Reproduzindo erros grosseiros como, por exemplo, atribuir a feijoada à culinária africana³⁸, ou ocultar negritude da civilização egípcia em textos e imagens³⁹. Outro dado que chamou a atenção nos editais é o indicativo sobre de quem é a responsabilidade de análise dos livros antes de serem finalmente destinados para a escolha nas escolas que os utilizarão. O trabalho de avaliação das obras didáticas será de competência das instituições de educação superior públicas que “constituirão equipes técnicas formadas por professores do seu quadro funcional, professores convidados de outras instituições de ensino superior e professores da rede pública de ensino⁴⁰.” Assim, são pessoas e instituições, que em tese, deveriam estar atentas ou intencionadas em solucionar tais questões. Talvez, não sejam requisitados para essa atividade, grupos de trabalho com conhecimento e que produzam conhecimento em relações ético-raciais para de fato realizar uma escolha mais coerente.

No tocante a educação para as relações étnico-raciais, esses editais e guias de escolha são categóricos em enfatizarem que os livros didáticos devem promover positivamente a cultura e a imagem de afrodescendentes e descendentes das etnias indígenas brasileiras, considerando sua participação em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder. Cotejando os seus valores,

³⁷BRASIL, SEB. Programa Nacional do Livro Didático – Pnld 2010. Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o programa nacional do livro didático -2010. Disponível em: < ftp://ftp.fnnde.gov.br/web/livro_didatico/edital_pnld_2010.pdf>. Acesso: 10 abr. 2016, p.28.

³⁸BONJORNIO, José Roberto; AZENHA, Regina. **Matemática**. São Paulo: FTD, 2008. Pode Contar Comigo, 3º ano, p.46 e 49, respectivamente.

³⁹MARES, Tania; Almeida, Suely. **História**. São Paulo, FTD, 2014. Novo Girassol: saberes e fazeres do campo, 4º ano, p. 167.

⁴⁰BRASIL, SEB. Programa Nacional do Livro Didático – Pnld 2010. Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o programa nacional do livro didático –2013. Disponível em: < ftp://ftp.fnnde.gov.br/web/livro_didatico/edital_pnld_2010.pdf>. Acesso:10 abr. 2016, p.9.

tradições, organizações e saberes sócio-científicos, considerando seus direitos e sua participação em diferentes processos históricos que marcaram a construção do Brasil, devendo “abordar a temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando a construção de uma sociedade antirracista, solidária, justa e igualitária⁴¹.” Iniciativas pontuais foram observadas e discutidas em outras partes da pesquisa, mas aquém da coerência ensejada e, que não compete retomá-las aqui, pois excedem aos propostos deste texto.

2 – Às margens da literatura: ausência do protagonismo negro

Uma forma de preconceito sutil passível de ser verificada nas obras didáticas diz respeito ao protagonismo dos negros em diversos gêneros literários. Neste aspecto, foram priorizados os livros de português⁴². Os demais componentes, com exceções, invariavelmente, não trouxeram narrativas como contos, poesias, fábulas e crônicas, quadrinhos, etc. Assim, na identificação dos protagonistas⁴³ que permeiam as obras analisadas foram incluídos todos os textos, mesmo os que não trazem humanos em sua narrativa.

Considerando os livros investigados, a ausência do protagonismo negro salta aos olhos. Vez ou outra, alguns textos são mencionados, mas se conjectura que mais no intento de camuflar o racismo que os excluem desses acervos. Os negros, na literatura em geral e, sobretudo na literatura infantil tradicional não tinham possibilidades de inserção. Mas atualmente, se preconiza um rompimento com estereótipos tradicionalmente aceitos e estabelecem ao descendente de africano uma perspectiva desvinculada do legado da escravidão, representando-o em situações contemporâneas e cotidianas⁴⁴. Esse rompimento passa pelo entendimento do que sejam essas literaturas negras e afro-brasileira, sendo a primeira, a desenvolvida por autor negro ou mulato que assim se assume, e que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro de forma assumida. Pela literatura afro-brasileira compreende-se a produção de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal. Dessa forma, é distinta da produção literária de autores

⁴¹ Ibidem, p.27.

⁴² Foram avaliados cerca de 1700 textos. Neste caso, não apenas os constantes nas aberturas dos capítulos ou unidades, mas os que foram observados ao longo de todos os livros.

⁴³ O quesito “não identificado” se refere às narrativas ou imagens em que as características fenotípicas das personagens não estão explícitas. O grupo “outros”, diz respeito a objetos e fenômenos naturais e sociais. Incluindo assim, textos que protagonizam seres inanimados, fenômenos da natureza, criaturas zoomórficas, mas que na representação imagética há seres humanos.

⁴⁴ LOBATO, Ladyana dos Santos, SANTOS, Ana Rosa Pereira dos. **Personagens Negros na Literatura Infantil: Análise de “o menino nito”, de sonia rosa**. Campina Grande, Paraíba: Realize Editora, 2012. Disponível em <<http://editorarealize.com.br/>>. Acesso: 15 mar. 2017.

brancos sobre o negro⁴⁵”.

Entretanto, a inserção desses protagonistas nos livros didáticos demonstra-se pontual – quando não inexistente o que é incompatível com a significativa produção de literatura negra e afro-brasileira que, raramente, foi incluída nos livros didáticos analisados. Alguns sugerem pontualmente como *As Sementes de Zumbi*⁴⁶, não trouxeram nenhum fragmento dessas histórias no corpo dos livros. De um modo geral, pouco expressivas ao se comparar com a produção eurocentrada.

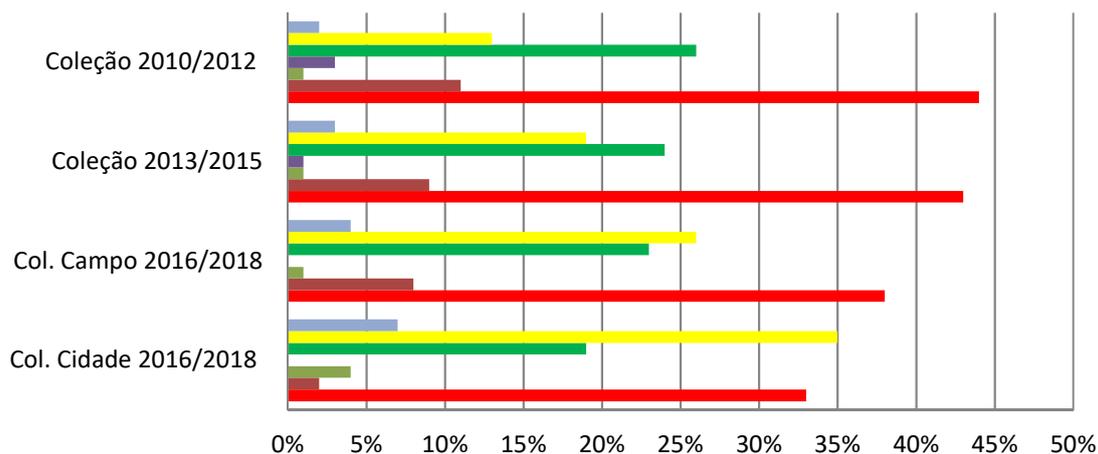
Um caso interessante, foi do texto encontrado no livro *Português A Escola é Nossa*, intitulado “Antes, Menina Queria Ficar Careca”⁴⁷, extraído, segundo referência inclusa no próprio livro, do jornal folha de São Paulo em 10 de agosto de 2002, cujo título da matéria é “Aceite o Diferente”. Incomum, nos diversos manuais consultados, esse foi o único exemplo, de uma protagonista negra, que narra seus conflitos na construção da identidade, em um contexto no qual o racismo ainda persiste. Não obstante, ao analisar o marcador físico da autora por heteroclassificação a partir de consulta de sua imagem na web⁴⁸, se constatou que o seu fenótipo é próximo ao branco. O que ratifica o fato de no Brasil a cor da pele determinar se um indivíduo é socialmente negro ou branco. Seria interessante possibilitar a fala de autores negros, sobre seus próprios dilemas, e não sempre tendo outro como seu porta-voz.

⁴⁵ DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Rassegna Iberística*. Vol 37, n102, 2014. Disponível em: <<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Mari%20Castro/Meus%20documentos/Downloads/Dialnet-PorUmConceitoDeL>>. Acesso: 12 nov. 2016, p. 265

⁴⁶ MACEDO, Aroldo, FAUSTINO, Oswaldo. *As sementes de Zumbi*. FTD, 2007.

⁴⁷ ROMEU, Gabriela. In: CAVÉQUIA, Marcia Paganini. *Língua Portuguesa – 2 ano*. (A Escola é Nossa, 1º a 5º ano). São Paulo: Scipione, 2008, p. 127-128

⁴⁸Fonte: Disponível em:< <http://institutotear.org.br/circulo-da-infancia-2017/>> Acesso: 17maio. 2019.

Gráfico 1 - Protagonistas na literatura inserida nos livros de Português

	Col. Cidade 2016/2018	Col. Campo 2016/2018	Coleção 2013/2015	Coleção 2010/2012
■ N/Identificado	7%	4%	3%	2%
■ Outros	35%	26%	19%	13%
■ Animais	19%	23%	24%	26%
■ Amarelos	0%	0%	1%	3%
■ Indígenas	4%	1%	1%	1%
■ Negros	2%	8%	9%	11%
■ Brancos	33%	38%	43%	44%

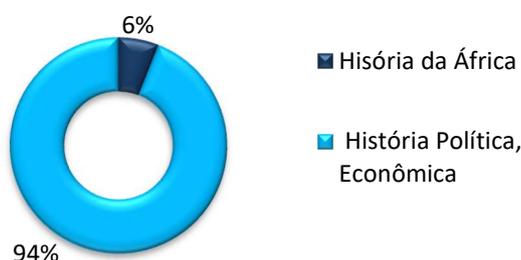
Fonte: Coleções Didáticas do Ensino Fundamental I (2010/2018), Caetité/BA.

Nota-se a partir do gráfico que, após 2010, a presença de negros vai decrescendo nas coleções. O mesmo ocorre com a representação de amarelos. Dessa forma, os livros, que deveriam primar pela diversidade, paulatinamente vão ofuscando o protagonismo negro. Certamente, tais livros não prescindem proporcionar aos leitores acesso à diversidade de gêneros textuais e temática; não obstante, o aumento gradual do segmento “outros” pode sinalizar uma tentativa sub-reptícia de desviar a atenção do público para outros temas que não as relações raciais propriamente ditas, além de ser estratégica para que outras etnias não galguem maior espaço nessas ferramentas pedagógicas. Reforça-se, assim, a ideia de que um racismo sutil impregna a produção didática, uma vez que ofusca o protagonismo desses sujeitos sociais nas narrativas, dando-lhes ora um papel secundário, ora omitindo sua voz.

Outro exemplo bastante significativo para se refletir sobre tais questões refere-se a história, um dos principais componentes curriculares no qual os temas de história, cultura africana, afro-brasileira e, mais contundentemente, o racismo e as relações étnico-raciais deveriam ser abordados com mais frequência, o que não desobrigam outros componentes de abordá-las.

Em geral, os livros de história são divididos em unidades temáticas⁴⁹, ecoando as contribuições da Nova História⁵⁰, o que foi identificado nas obras didáticas analisadas, sobretudo a partir do quarto ano, em que em geral, apresentam uma ou duas unidades destinadas a tematizar a história, cultura africana e afro-brasileira⁵¹. Porém quase sempre relacionadas à escravidão⁵². Em outros momentos, os africanos vão aparecendo de forma esporádica e até folclorizada em aspectos como música, dança e culinária, portanto, não sendo destaque ou atores significativos no processo histórico.

Gráfico 2 - História da África nas unidades temáticas dos livros de História



Fonte: Coleções Didáticas do Ensino Fundamental I (2010/2018), Caetité/BA.

Dessa maneira, a história da África e as experiências afrodiaspóricas ganham espaço secundário na abordagem dos fenômenos históricos, ficando em seções de complementação que podem (ou não) ser trabalhadas pelos professores em suas aulas⁵³. Empobrece-se, portanto, a perspectiva dos negros se perceberem como protagonistas. Já que como visto no gráfico acima, são pouco expressivos os espaços dedicados a esses sujeitos sociais.

Outro aspecto mensurado refere-se ao estímulo à leitura de livros literários relacionados a África ou a personagens negros. O levantamento de aproximadamente trezentas indicações de literatura sugeridas nos livros didáticos de língua portuguesa e história, pois nos outros componentes, praticamente inexistem sugestões de livros ou textos sobre a referida temática ou

⁴⁹ OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos Bancos Escolares: representações e imprecisões na literatura didática**. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, n° 3, 2003.

⁵⁰ BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

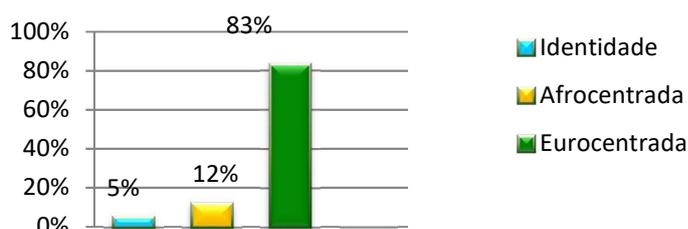
⁵¹ Foram inferidas cerca de setenta unidades temáticas nos livros pesquisados.

⁵² À guisa de exemplo, cita-se a quarta unidade do livro didático do quinto ano (2013/2015), intitulada “O Início do Brasil Independente”, que tem como temas/capítulos 1. “O Primeiro Reinado”; 2. “As Festas no Tempo Imperial”; 3. “O Período Regencial” e, no final da unidade, na seção denominada Ampliação apresenta “A Presença do Escravo no Cotidiano”. O mesmo ocorre na Unidade 5, onde na seção Ampliação aborda-se “O Dia da Consciência Negra”.

⁵³ Ressalta-se que esta pesquisa se encaminhou tão somente para a análise do livro didático. Apropriações que professores e alunos da Rede Municipal de Caetité fazem desses materiais requerem outras investigações. Lembre-se que, nesse local, há carência de estudos nesse sentido.

mesmo que se propõe a tematizar a diversidade⁵⁴. No gráfico 3 abaixo, é evidente como a inserção desses temas é pouco significativa, quando o pilar de produção do livro didático é notoriamente eurocentrado⁵⁵. Mais uma vez, vê-se a quase completa exclusão de textos que tratam de temas e personagens com raiz africana, ignorando uma representação mais apropriada e condizente com a maioria da população brasileira.

Gráfico 3 - Temáticas dos livros literários sugeridos nos livros de história e português



Fonte: Coleções Didáticas do Ensino Fundamental I (2010/2018), Caetité/BA.

Os livros sugeridos e textos reproduzidos nas coleções didáticas apontam para os sujeitos que os produziram. Acredita-se que um livro que pretende valorizar a diversidade, deve primar em trazê-la no seu processo de composição. Nesse sentido, outro aspecto que precisa passar pelo crivo da análise diz respeito à plêiade de autores, cujas vozes são ecoadas nesses artefatos culturais. Identificar o fenótipo dos autores dos textos literários inseridos e ou sugeridos nos livros didáticos analisados, pode contribuir para ampliar a percepção sobre as razões da negligência na inserção da literatura negra neles.

3 - A negação de autores negros e africanos nas obras didáticas: o caso dos livros de português

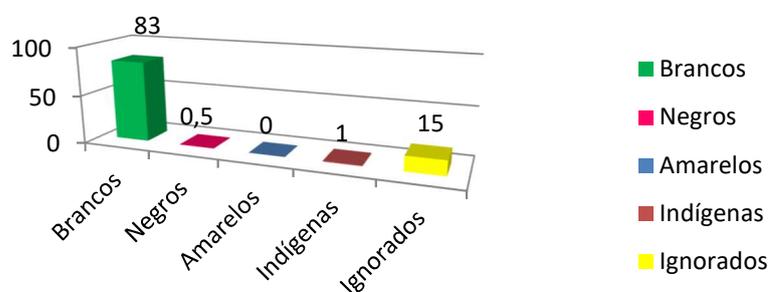
No tocante aos autores inseridos, os livros didáticos de português apresentam outros indicativos que contribuem para repensar a forma como a história, a cultura africana e afro-brasileira estão sendo tematizadas ou negligenciadas. Considerando os marcadores físicos, o gráfico

⁵⁴ Uma exceção constatada foi o livro de Geografia *Projeto Buriti* (2013/2015), que trouxe entre suas sugestões de leitura *As Sementes de Zumbi*, livro de Aroldo Azevedo Oswald Faustino, publicado pela Editora FTD, 2007. Mencionado anteriormente.

⁵⁵ MACEDO, José Rivair. História da África: questões epistemológicas, conceituais e didático-pedagógicas acerca de seu ensino. In: KOMINEK, Andrea Maila Voss, VANALI, Ana Crhistina (orgs). **Roteiros Temáticos da Diáspora: caminhos para o enfrentamento do racismo do Brasil**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

4 a seguir, é bastante esclarecedor da não inclusão de autores negros neles, e conseqüentemente da não possibilidade de marcar historicamente um lugar de fala para esses sujeitos nas obras didáticas. Para fins de análise do fenótipo dos autores foram privilegiados os livros de língua portuguesa, tanto pelo tempo disponível para a pesquisa como por serem os que mais apresentam textos, especialmente literários. Inclusive, ficou claro ser lugar-comum os autores desses textos se fazerem presentes nos outros componentes curriculares. A identificação do fenótipo desses profissionais foi possível através de pesquisa, sobretudo na internet, pois nem sempre há biografia ou texto com autotclassificação fenotípica nos livros analisados. Sendo assim, foram divididos em quatro grupos⁵⁶ a partir do marcador físico, conforme discutido anteriormente.

Gráfico 4 - Fenótipo dos autores nas coleções de Português



Fonte: Coleções Didáticas do Ensino Fundamental I (2010/2018), Caetité/BA.

Esse grupo, em sua maioria, é composto por escritores, seguido de cartunistas, artistas plásticos, jornalistas e músicos. Há muito tempo que há escritores negros no Brasil, como Cruz e Sousa e Machado de Assis. No entanto, o que se ofusca é o trabalho de autores negros contemporâneos⁵⁷, em virtude da invisibilidade sofrida pelo negro brasileiro⁵⁸. Assim, esses autores não têm notoriedade no mercado editorial e não integram os currículos escolares do Ensino Fundamental e Médio, havendo um desinteresse “pelos negros que fazem uma literatura de resistência, ou de combate, ou uma “contraliteratura”, usando nos seus textos temas como o

⁵⁶ O grupo “ignorados”, diz respeito aos autores que durante o período de execução da pesquisa não se encontrou nenhuma imagem, ou esta deixou dúvidas por não haver uma associação direta do autor/a e a sua representação imagética, bem como texto que sugere o marcador físico dos mesmos.

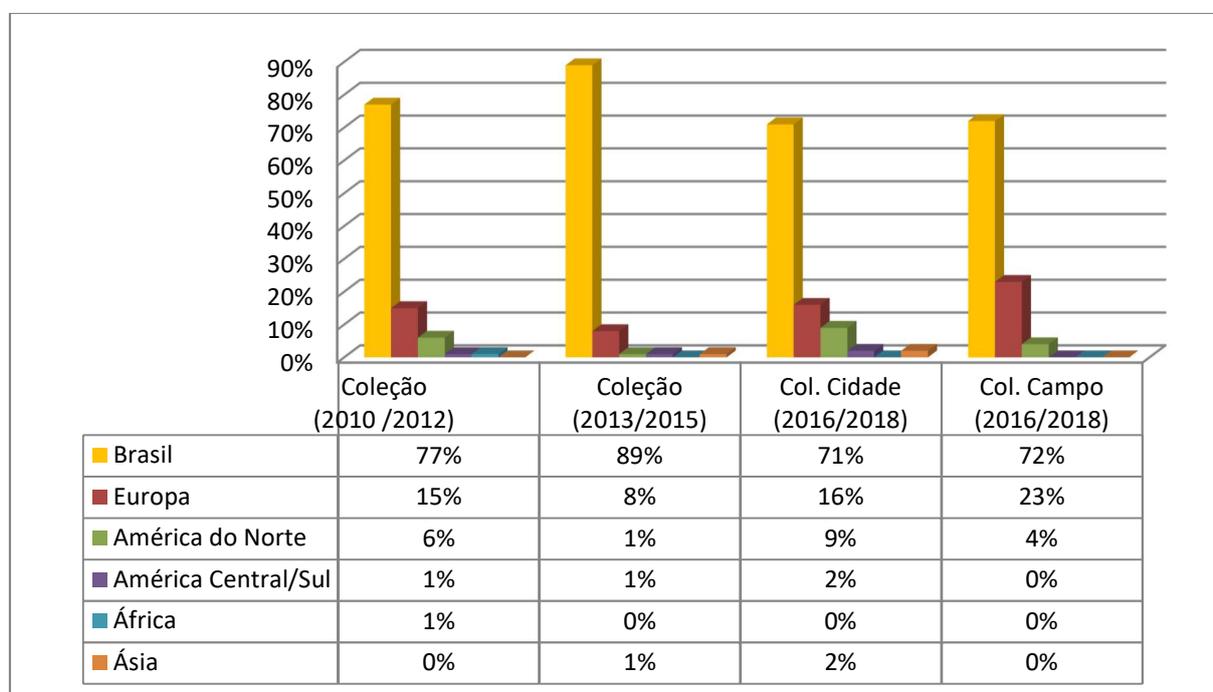
⁵⁷ Entre esses autores do presente pode-se citar Joel Rufino dos Santos, Elisa Lucinda, Conceição Evaristo, Paulo Lins e Ana Maria Gonçalves. Parece, ainda, faltar estudos que tracem um panorama da publicação de obras literárias de matriz africana pelo mercado editorial no Brasil, sobretudo a partir da vigência da Lei nº 10.639, de 2003.

⁵⁸ MELARÉ, Amanda. **5 Autores Negros Brasileiros e Contemporâneos que Você Precisa Conhecer**. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/>>. Acesso: 29 mar. 2017.

racismo na perspectiva do negro⁵⁹.” O campo literário é um espaço para uma minoria rica e seleta de escritores, em que os autores negros são periféricos⁶⁰.

Considerou-se, ainda, o espaço geográfico ocupado pelos autores, cujos textos foram privilegiados nos livros escolares. Lugar geográfico, neste texto, se refere ao local de nascimento dos autores ou o local onde desenvolvem sua atividade ou, ainda, tiveram sua formação, situação pouco comum. Achou-se interessante pontuá-los, pois essa espacialização pode trazer informações importantes sobre os sujeitos que galgaram espaço nesses materiais e o seu inverso, foram marginalizados. Podendo se acercar ainda dos discursos e as representações sociais que produzem ou reproduzem.

Gráfico 5 - Espaço geográfico dos autores, coleções (2010/2018)



Fonte: Coleções Didáticas do Ensino Fundamental I (2010/2018), Caetité/BA.

O que se apreende dos dados dispostos no gráfico cinco 5 acima, é a de quase completa exclusão de autores pertencentes a regiões consideradas subdesenvolvidas, em particular a África. Sendo indicativo o desinteresse em legitimar o lugar de fala desses sujeitos. Ainda em relação às Américas, se destaca a influência exercida pelas produções de estadunidenses.

⁵⁹ TORRES, Bolívar. **Nova no Mercado, Malê Promove Escritores Afro-brasileiros**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/nova-no-mercado-male-promove-escritores-afro-brasileiros-20492363#ixzz4cix697cq>>. Acesso: 29 mar. 2017.

⁶⁰ Idem.

De um modo geral, os dados apontam para um padrão. Os textos de brasileiros, único país da América do Sul cotejado nas obras didáticas pesquisadas, são os privilegiados e, por isso, foram colocados separadamente. Haja vista, devem ter considerado as recomendações expressas por diretrizes, orientações e parâmetros curriculares oficiais para o ensino de língua portuguesa que entre seus objetivos gerais destacam: “a fruição estética e a apreciação crítica da produção literária associada à língua portuguesa, em especial a da literatura brasileira”⁶¹. Seguido de europeus, depois norte-americanos. Produções de outros continentes são sobremodo inconstantes. Conjectura-se, por uma visão racista e que não se sustenta, que os outros espaços como a África, não possuem uma produção literária, ou que esta não seja significativa, a ponto de constar nos livros didáticos⁶².

Talvez, a assertiva seja da possibilidade de ser um empreendimento que não tem interesse em dar voz ao outro, principalmente considerando que muitos textos com a temática negra são de autoria de escritores com marcador fenótipo próximo ao branco e também quando se relaciona o pertencimento geográfico, ficando autores da África, Ásia e demais países das Américas sem espaço de participação.

Não pode se falar do racismo espacial⁶³ apenas nos termos de localização, este pode ser aplicado em outras instâncias, pois se reconhece a discriminação como uma interjeição que varia do individual ao coletivo em termos de acesso ao território e se caracteriza por “fronteiras invisíveis”⁶⁴ que se instalam, estabelecendo relações assimétricas no uso do espaço pelos grupos concorrentes, tais como a desigualdade de prestígio e salário entre negros e brancos no exercício da mesma função.

Assim, mais uma vez, as informações dispostas no gráfico sugerem haver um padrão na escolha dos lugares de onde se originam os autores com textos sugeridos ou inseridos nos livros. Portanto, configura-se mais como uma operacionalização do racismo geográfico e particularmente sutil⁶⁵ a se manifestar nos livros didáticos. Pode-se inferir, dessa forma, que a escolha está vinculada – além das questões econômicas ou até de uma “identificação do brasileiro com a cultura ocidental” – com a ideia de raça⁶⁶, onde indivíduos africanos e seus descendentes, bem como asiáticos e

⁶¹ BRASIL, PNLD. **Guia de livros didáticos, 2010**. Letramento e Alfabetização Língua Portuguesa. Disponível em <<https://www.fnnde.gov.br>>. Acesso: 17 abr. 2019, p.18.

⁶² Por exemplo, pode-se citar a literatura desenvolvida pelo angolano *Ondjaki*, e do moçambicano Mia Couto.

⁶³ RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo, Ática, 1993.

⁶⁴ MALACHIAS, Antônio Carlos. **Geografia e Relações Raciais: desigualdades Socioespaciais em Preto e Branco**. Dissertação de mestrado, São Paulo, USP, 2006.

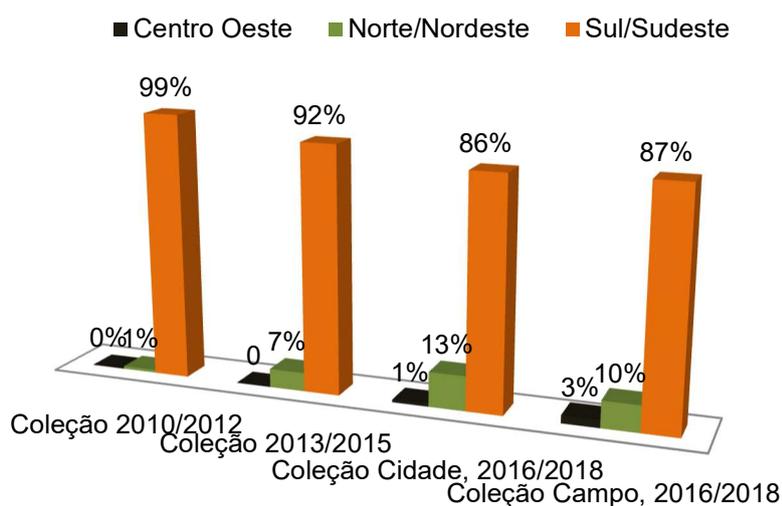
⁶⁵ NUNES, Sylvia Silveira. **Racismo Contra Negros: um estudo sobre o preconceito sutil**. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, 2010. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-27072010.../nunes_do.pdf>. Acesso: 15 mar. 2017.

⁶⁶ Ou seja, com a ideologia das raças que, por muito tempo se baseou na biologia, mas que principalmente com o advento dos estudos culturais passou a ser compreendida como fenômeno cultural.

indígenas, estão visivelmente alijados de terem seus textos mencionados ou indicados nos livros didáticos. A África e a América são consideradas exóticas “passam a ser definidos como espaços de longa distância, separados, ou frequentemente rejeitados, mas através dos quais existem brechas às normas vigentes⁶⁷.”

Nota-se que nas coleções, exceto a de (2010/2012), a África sequer apareceu⁶⁸. A Europa se sobressai por meio da inserção de textos ingleses e franceses. Mesmo Portugal, local de origem da língua materna brasileira, o número de textos é praticamente inexistente. Essa é mais uma evidência de um eurocentrismo na produção dos livros didáticos. O racismo espacial se torna ainda mais notório quando pensado na perspectiva regional, podendo auxiliar na compreensão da invisibilização de autores negros nos livros didáticos para além de uma simples predisposição do mercado que não dar voz à alteridade.

Gráfico 6 - Autores por região no Brasil



Fonte: Coleção Didática do Ensino Fundamental I (2010/2018), Caetité/BA.

Há pontos gritantes de similaridade com a distribuição continental vislumbrada anteriormente, uma vez que foi possível constatar o senso comum de que para além do Sul/Sudeste não há Literatura significativa que mereça destaque. Ocorre uma invisibilização de autores do Norte/Nordeste e Centro Oeste, que poderiam agregar e enriquecer os livros escolares, contribuindo para uma aprendizagem significativa das relações étnico-raciais.

Tornou-se evidente que a discriminação resultante do racismo envolve todo um conjunto de dispositivos para que o grupo aumente seus trunfos em detrimento de outros grupos, no caso,

⁶⁷ MUDIMBE, 1994 apud OLIVA, 2007, p. 22.

⁶⁸ Houve espaço para Luiz Pires, jornalista moçambicano com marcador físico próximo ao branco.

brancos sobre negros, Sul/Sudeste e a Europa sobre as demais regiões. É do conceito de discriminação que permite reduzir a competição do grupo ou dos grupos concorrentes em relação as benesses econômicas, sociais e culturais⁶⁹. Diante do exposto, pode-se afirmar a permanência do racismo, mas fundamentado em novas estratégias que o tornam dissimulado. Dessa maneira, na prática social, sob o discurso da tolerância e da igualdade, prevalecem as atitudes discriminatórias.

Considerações Finais

O processo de análise e interpretação dos dados possibilitou compreender a existência de práticas racistas sutis na produção dos livros didáticos para os alunos do Ensino Fundamental I da Rede de Ensino Municipal de Caetité. Iniciativas que negam a predominância da face negra na população brasileira e que exclui autores e ilustradores negros. Além disso, “não se pode abstrair do livro – e do livro didático – a determinação de que ele é, antes de tudo, produzido para o mercado⁷⁰.”

Acredita-se que tal inserção é assaz apropriada para que a história da África seja significativamente contemplada nos livros didáticos e que potencialmente contribua para fomentar uma educação mais humana, de modo a valorizar a diversidade. Facilmente traça-se um paralelo entre representação em imagens, conteúdos, textos, sugestões de livros, em que relacionadas às proporções fenotípicas dos indivíduos, vão se encaixando como partes de um quebra-cabeça em que os indivíduos vão ocupando espaços pré-definidos.

A ausência e invisibilidade desses sujeitos sociais na produção do livro didático é tão-somente uma das pontas de um emaranhado fio que urde a complexa rede das relações humanas. Dessa maneira, esses artefatos culturais, ao tempo em que apontam lacunas, delineiam possibilidades de vir a ser um suporte pedagógico que contribua para minimizar os conflitos raciais.

Referências

APPIAH, Kwame Antony. **Na Casa de Meu Pai: a África na filosofia da cultura**. 4 ed. Rio de Janeiro, Contraponto, 2014.

BASSO. Lucimara del Pozzo. **Estudo Acerca dos Critérios de Avaliação de Livros Didáticos de Ciências do PNL: período de 1996 e 2013**. Disponível em <<http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/LucimaraDelPozzoBasso-ComunicacaoOral->

⁶⁹RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo, Ática, 1993.

⁷⁰ MUNAKATA, Kazumi. **O Livro Didático: alguns temas de pesquisa**. Rev. Bras. Hist. Educ., Campinas, São Paulo, v. 12, n° 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012. p.184-185.

[int.pdf](#)>. Acesso: 27 mar. 2017.

BRASIL, SEB. Programa Nacional do Livro Didático – Pnld 2010. Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o programa nacional do livro didático - 2010. Disponível em: < ftp://ftp.fnde.gov.br/web/livro_didatico/edital_pnld_2010.pdf>. Acesso: 10 abr. 2016.

_____. Programa Nacional do Livro Didático – Pnld 2010. Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o programa nacional do livro didático – 2013. Disponível em: < ftp://ftp.fnde.gov.br/web/livro_didatico/edital_pnld_2010.pdf>. Acesso: 10 abr. 2016.

_____. Guia de livros didáticos, 2010. Letramento e Alfabetização Língua Portuguesa. Disponível em < <https://www.fnde.gov.br>>. Acesso: 17 abr. 2019.

BOLSANELLO, Maria Augusta. **Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”**: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. Educar, Curitiba, n12, p.153-165. Editora da UFPR, 1996

BONJORNO, José Roberto; AZENHA, Regina. **Matemática**. (Pode Contar Comigo, 3º ano), São Paulo: FTD, 2008.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Universidade de São Paulo faculdade de educação, São Paulo 1998.

CARRASCOSA, Denise. Traduzindo no Atlântico Negro: por uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas afrodiaspóricas In: **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, p. 63-71, 2016. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/115270/112954>>. Acesso: 10 jul. 2017.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>>. Acesso: 03 jun. 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Rassegna Iberística**. Vol 37, n102, 2014. Disponível em: < <file:///C:/Documents%20and%20Settings/Mari%20Castro/Meus%20documentos/Downloads/DiaInet-PorUmConceitoDeL>>. Acesso: 12 nov. 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48 ed. Pernambuco: Global, 2003.

GATTI JÚNIOR. **A Escrita Escolar da História**: livro didático e Ensino no Brasil (1970-1990). Edusc, São Paulo; Edufu, Minas Gerais, 2004.

GUIMÃRAES, Antônio S. A. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 1999.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAMARCA, Gabriela, VETTORE, Mario. **A Nova Composição Racial Brasileira Segundo o Censo 2010**.

Disponível em: <<http://dssbr.org/site/2012/01/a-nova-composicao-racial-brasileira-segundo-o-censo-2010/>>. Acesso: 28 mar. 2017.

LOBATO, Ladyana dos Santos, SANTOS, Ana Rosa Pereira dos. **Personagens Negros na Literatura Infantil**: Análise de “o menino nito”, de sonia rosa. Campina Grande, Paraíba: Realize Editora, 2012. Disponível em <<http://editorarealize.com.br/>>. Acesso: 15 mar. 2017.

MACEDO, Aroldo, FAUSTINO, Oswaldo. **As sementes de Zumbi**. FTD, 2007.

MACEDO, José Rivair. História da África: questões epistemológicas, conceituais e didático-pedagógicas acerca de seu ensino. In: KOMINEK, Andrea Maila Voss, VANALI, Ana Crhistina (orgs). **Roteiros Temáticos da Diáspora**: caminhos para o enfrentamento do racismo do brasil. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

MALACHIAS, Antônio Carlos. **Geografia e Relações Raciais**: desigualdades Socioespaciais em Preto e Branco. Dissertação de mestrado, São Paulo, USP, 2006.

MARES, Tania; Almeida, Suely. **História**. Novo Girassol: saberes e fazeres do campo, 4º ano) São Paulo, FTD, 2014.

MELARÉ, Amanda. 5 Autores Negros Brasileiros e Contemporâneos que Você Precisa Conhecer. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/>>. Acesso: 29 mar. 2017.

MIRANDA, Monique. “Classificação cor/raça e etnia: conceitos, terminologias e métodos utilizados nas ciências da saúde no Brasil.” (dissertação de mestrado) Rio de Janeiro, Fiocruz 2010.

MUNAKATA, Kazumi. **O Livro Didático**: alguns temas de pesquisa. Rev. Bras. Hist. Educ., Campinas, São Paulo, v. 12, n° 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 5 nov. 2003. Disponível em < <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf> >. Acesso: 14 jun. 2016.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. **Erotismo e Relações Raciais no Cinema Brasileiro**: a pornochanchada em perspectiva histórica. Tese de doutorado. Salvador, 2015.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem**: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso: 21 fev. 2015.

NUNES, Sylvia Silveira. **Racismo Contra Negros**: um estudo sobre o preconceito sutil. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, 2010. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-27072010.../nunes_do.pdf>. Acesso: 15 mar. 2017.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos Bancos Escolares**: representações e imprecisões na literatura didática. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, n° 3, 2003.

_____. **Lições Sobre a África**: diálogos entre representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino de História da África no mundo atlântico (1990-2005). Tese de doutorado, Universidade de Brasília, 2007.

OLIVEIRA, Fátima. **Ser Negro no Brasil**: alcances e limites. **Estudos Avançados** 18 (50), 2004.

OLIVEIRA NETO, Marcolino Gomes de. Entre o grotesco e o risível: O lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n° 16, jan./abr. 2015. Disponível em: < www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522015000200065&script=sci...tlnq... >. Acesso: 13 out. 2015.>. Acesso: 12 out. 2016.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo, Ática, 1993.

RODRIGUES, Marcela Franzen. **Raça e criminalidade na obra de Nina Rodrigues**: Uma história psicossocial dos estudos raciais no Brasil do final do século XIX. *Estud. pesquis. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p., 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br>>. Acesso: 16 mai. 2019.

RODNEY, Walter. **Como a Europa Subdesenvolveu a África**. Seara Nova: Lisboa, 1975.

ROMEU, Gabriela. In: CAVÉQUIA, Marcia Paganini. **Língua Portuguesa – 2 ano**. São Paulo: Scipione, 2008. (A Escola é Nossa, 1° a 5° ano)

SCALA, Lucimary Hoffman, MEIRELES Ariane Celestino. **Marcadores Físicos e Construção Identitária**: estudo de caso de 3 estudantes negras em um estabelecimento escolar do estado de Vaud - Suíça. Disponível em: < estudosculturais.com/congressos/vcongresso/wp-content/uploads/2016/.../port_v1b.pdf >. Acesso: 27 abr. 2019.

SILVA, Ana Célia. **A Representação Social do Negro no Livro Didático**: o que mudou? por que mudou? Salvador: Edufba, 2011.

TORRES, Bolívar. **Nova no Mercado, Malê Promove Escritores Afro-brasileiros**. Disponível em: <<http://oqlobo.globo.com/cultura/livros/nova-no-mercado-male-promove-escritores-afro-brasileiros-20492363#ixzz4cix697cq> >. Acesso: 29 mar. 2017.

Maria Aparecida Dias Castro: Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade PPGELS/UNEB. Graduada em Licenciatura Plena em História e especialista em Educação e Diversidade Étnico-Racial pela UNEB/VI. Atualmente é professora da Rede Municipal de Ensino de Caetité.

Antonieta Miguel: Doutoranda em Educação pelo programa Educação e Contemporaneidade PPGEduc/UNEB. Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1991) especialização em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e mestrado em História pela Universidade Federal da Bahia (2000). Atualmente é professora assistente da Universidade do Estado da Bahia - Campus VI.

Artigo recebido para publicação em: Maio de 2019.

Artigo aprovado para publicação em: Junho de 2019.